

INICIEMOS O COMBATE

## Os Factos

Todos nós, estudantes do ensino secundário, bem como o pseudo-pedagógico sistema no qual trabalhamos, estamos numa situação desesperada e que é necessário modificar. Todos os dias se nos deparam os mais variados problemas, alguns dos quais atingem tais proporções que se tornam problemas de toda a sociedade em que nos inserimos: se não falarmos desses problemas, se não os estudarmos, se os não discutirmos até ao mais ínfimo dos pormenores, seremos incapazes de os compreender, não poderemos até compreender verdadeiramente o papel que desempenhamos nesta sociedade. Mas se queremos compreender os problemas é para agir sobre eles, para os resolver. Só conseguiremos atingir esse fim organizando-nos a partir da base, apoiando-nos nas nossas próprias forças e lutando, já que outro caminho a prática nos mostra impossível.

Começemos pois por apontar as primeiras "dificuldades" que nos surtem, aquelas que são mais evidentes e nos afectam directamente:

- constatamos facilmente a inutilidade de certos conhecimentos que nos pretendem impingir. Por outro lado, coisas úteis e actuais que nos possam interessar são ignoradas. E porquê? É que, enquanto o conteúdo e os métodos do ensino estagnaram a ciência, a técnica, a economia e a própria sociedade foram evoluindo. Um exemplo: não é verdade que conhecemos melhor Arquimedes do que Einstein? Outro exemplo: há 25 anos que o programa de Física do 3º ciclo não é revisto;

- todos sabemos que o ensino que nos ministram é selectivo e competitivo, além de excessivamente teórico e pouco ligado à prática. As consequências directas são várias: alguns de nós (poucos) distanciam-se dos outros com atitude prejudicial para o progresso de todos. Além disso, quando chegarmos à "vida real", das duas uma ou não sabemos pôr na prática aquilo que aprendemos, ou não aprendemos aquilo de que necessitamos saber;

- notamos que, se queremos passar, temos que empinar as pilhas de conhecimento embalsamado e desprezar os fenómenos processados na realidade que nos cerca, os quais directa ou indirectamente, nos dizem respeito.

Mas há mais. Outras "dificuldades" se nos deparam constantemente, factos que de modo algum estão certos e dos quais estamos mil vezes fartos - professores incompetentes que na sua maior parte parecem ensinar-nos por favor e se julgam uma espécie de deuses; instalações que se aparentam bastante com prisões; exames injustos devido ao carácter selectivo destes; actividades circum-escolares, controladas que não pelas autoridades não interessam a ninguém; impossibilidade prática de os alunos discutirem nas aulas ou fora delas problemas que a todos eles dizem respeito e que se não cingem ao estrito limite dos programas, etc.

Tudo isto são verdades incontestáveis, realidades que nos revoltam e que é necessário modificar, factos só possíveis numa sociedade em decadência em que o progresso de todos é submetido ao interesse de alguns. É isto que demonstram também os factos que vamos ainda apontar:

- a impossibilidade de acesso às escolas secundárias por parte dos nossos colegas da primária os quais, em virtude de serem filhos de camponeses ou operários não têm possibilidades materiais que permitam tal;

- distanciação que surge entre a nossa vida na escola e o nosso dia a dia de condições normais, o que é devido ao facto de, nessa escola, sermos embebidos de uterquinada ideologia alienante (a propagada pelos exploradores do povo), a ideologia burguesa de classe que pretende transformarmos em "doutores" ou "técnicos", lacaios dessa classe dominante e futuros opressores do povo.

Aquilo que nós precisamos, é sim dum escola em que, ligando-nos à prática, se estudam realidades verdadeiramente importantes e actuais; é de uma escola em que professores e alunos sejam colegas pela melhoria dum sociedade que seja pertença de todos e não de alguns; é de uma escola realmente científica em que os seus alunos possam, só eles decidir o que é justo e é injusto, e seguir o caminho que mediante esses juízos eles traçarem.

## Que fazer?

Surtem-nos pois tantos problemas, tantas dificuldades, que muitas até já nos passam despercebidas e procedemos como se elas não existissem - mas será justa esta maneira de encarar as coisas? Não, não é justa - os problemas surgem, pois temos que os resolver. Só assim poderemos progredir e ser capazes de construir uma escola melhor, integrada numa sociedade também melhor.

Como será então isso possível? que fazer?

Se olharmos as coisas de uma maneira científica e não metafísica, veremos que tudo o que existe (corpos, fenómenos, instituições, sociedades, etc) é composto por



diversos elementos que se opõem (positivos e negativos, velhos e novos, reaccionários e progressistas, etc.) e que é da luta processada entre esses elementos que surge o progresso (por exemplo a energia eléctrica surge da luta processada entre as cargas positivas e as cargas negativas, todos os fenómenos históricos tem a sua origem na luta de classes, etc.). Deste modo, é dentro do próprio sistema escolar em que nos inserimos que devemos, de imediato, procurar a resolução dos nossos problemas, e não trapoçamos aos elementos reaccionários ou elementos progressistas - seremos nós próprios, estudantes do ensino secundário que iremos lutar a fim de resolver os problemas que a nós (e não só) dizem respeito.

Por outro lado, qualquer fenómeno, em qualquer domínio da natureza, pode ser considerado uma coisa sem sentido, se for considerado fora das condições que o rodeiam, se for separado dessas condições; do mesmo modo, qualquer fenómeno pode ser compreendido e justificado, se for considerado sob o ângulo da sua ligação indissociável com os fenómenos que o rodeiam, se for considerado tal como é condicionado pelos fenómenos que o cercam. Deste modo, se queremos modificar o sistema de ensino no qual trabalhamos, devemos ter em conta o lugar que ele desempenha no conjunto da sociedade em que vivemos, devemos, nesta sociedade de classes (e que progredirá por meio da luta de classes), procurar a resolução dos nossos problemas apoiando-nos na classe progressista em ascensão (proletariado à cabeça do povo) e lutando contra a classe reaccionária e em decadência (a burguesia).

De tudo isto se depreende que, se queremos levar à frente a nossa tarefa, devemos lutar no local em que os nossos problemas se revelam mais directamente, mas nunca devemos esquecer-nos que fazemos parte de um todo, de uma sociedade em que os problemas são ainda maiores e mais profundos, e que são essas condições as causas mais ou menos directas dos nossos. Tendo isto em mente, como poderemos então iniciar a luta? Organizamo-nos para nos tornarmos fortes. E como fazê-lo? É o que vamos ver.

Se procurarmos que meia dúzia de "inimadados" nos venha abrir o caminho, começaremos logo de uma maneira incorrecta. Isso só serviria para criarmos uma organização fraca, cuja destruição seria fácil e que não saberia corresponder à verdadeira vontade das massas e ser a sua vanguarda - cair-se-ia em dirigismo, em burocracia e no "cartelismo", como acontece, por vezes, em outras organizações. Não cometamos os erros que elas cometem e que não são capazes de reconhecer e remediar. Nós devemos em cada escola, em cada ano, em cada turma organizar-nos na base, começar por pequenas lutas (por exemplo as de carácter pedagógico) que nos unam, tirar lições dessas lutas, organizarmo-nos a partir delas, com base na vontade e na consciência das massas, do que elas são e do papel que desempenham. Devemos também abandonar a ideia suicida de ter desde já uma organização sindical, ou coisa parecida: só com o propagar da luta, a sua radicalização, a sua expansão à grande massa dos estudantes isso será possível.

Até ao final do ano, bem sabemos: então não há tempo a perder. Iniciemos imediatamente, partindo da base, o movimento que no futuro faremos progredir e levarmos às formas que, na prática, acharmos mais úteis e adequadas, servindo sempre o fim a que nos propomos: a construção de uma escola melhor integrada numa sociedade também melhor.

Na Coimbra, uma futura organização sindical que una todos os estudantes do ensino secundário só poderá, como dissemos, nascer do desenvolvimento da luta, da força, da vontade e da consciência que estes tenham daquilo que entendam como necessário. Para já a única forma organizativa que nos parece viável e útil é a de núcleos implantados em cada escola, ano e turma, saibam agregar a si os elementos mais activos e que sejam, não a ditadora da vontade das massas de que se encontrem desligadas, mas sim o porta voz dessas massas -- que se multipliquem pois os núcleos sindicais de base (N.S.B.'s), alguns dos quais se encontram já formados.

Só olhando as coisas desta forma correcta é que podemos iniciar e prosseguir os trabalhos: organizando-nos a partir da base, apoiando-nos nas nossas próprias forças, sabendo colher ensinamentos das derrotas e proveitos das vitórias, nunca desistindo e persistindo sempre -- deste modo venceremos.

Todos ao trabalho da organização sindical a partir da base!

Só da luta podem surgir as vitórias!

## INFORMAÇÕES

### Quem luta quem vence

Não estamos sós! Em Lisboa (com o Movimento Associativo do Ensino Secundário de Lisboa -- MAAESL) e no Porto (com a Comissão Pró-Associação dos Estudantes Liceais do Porto -- CPAELP) os estudantes do ensino secundário souberam já encontrar a sua forma organizativa, apoiada na vontade e na consciência das massas, surgida na luta. Aí os estudantes unidos já iniciaram a luta contra a burguesia fascista, contra os reacionários -pressores do povo e parasitas da sociedade.

Conta-se já algumas vitórias sendo a mais recente a abolição, em Lisboa, da obrigatoriedade de presença nas aulas de Moral, por os nossos colegas acharem que esta é uma disciplina alienante, ultrapassada, sem interesse e com vincada marca de classe.